



A associatividade e as linguagens não verbais*

René Roussillon**, Lion

O autor levanta a questão da escuta associativa em psicanálise, propondo a idéia de que ela é polimorfa e mescla a escuta da linguagem verbal com outras formas de linguagem não verbal, como a linguagem dos afetos ou a dos atos. Para explicar sua tese, o autor explora a posição freudiana acerca das linguagens não verbais, a fim de mostrar que Freud sempre atribuiu valor narrativo a estas linguagens. Em seguida, ele propõe a hipótese de que as experiências que foram vividas antes da emergência da linguagem verbal e tiveram um caráter traumático são registradas sob forma não verbal e ressurgem sob esta forma durante o tratamento analítico, e uma das características dessas linguagens é o fato de seu sentido depender estreitamente da interpretação que o entorno humano lhes dá.

Descritores: Associação livre. Linguagem verbal e não verbal. Traumatismo precoce. Ato. Afeto. Papel do entorno humano. Reconstrução em análise.

* Trabalho apresentado no Congresso da Federação Européia de Psicanálise, abril de 2009.
** Psicanalista Membro da Sociedade Psicanalítica de Paris.



Apresentação do problema

Parece-me que um dos desafios fundamentais do futuro da psicanálise encontra-se do lado das extensões possíveis do método psicanalítico. Este se centra na escuta da associatividade psíquica endereçada ao analista e no imperativo de levar em conta a narratividade que resulta desse endereçamento.

Se a regra da associação livre define a regra fundamental da psicanálise, o que a caracteriza ainda mais fundamentalmente é o modo pelo qual a associatividade psíquica é ouvida pelo psicanalista. De fato, parece cada vez mais provável, à luz dos trabalhos atuais das neurociências, que a associatividade regulada por processos de inibição caracteriza o próprio funcionamento de nosso cérebro e de toda a vida psíquica e que, portanto, ela não poderia definir, por si só, o método psicanalítico. Parece-me que se faz necessário agora caracterizar esse método não só pela regra dita fundamental, mas também pela especificidade da escuta do psicanalista, especificidade esta que eu definiria da seguinte maneira: o psicanalista escuta as associações psíquicas com a hipótese de que aquilo que é associado tem uma ligação, ora manifesta, se a associação obedecer à lógica dos processos secundários, ora inconsciente, se, ao contrário, ela não parece obedecer a essa lógica. Trata-se da idéia de que em todos os casos a associação revela a existência de uma relação entre os elementos associados, que pode ser tanto organizada por um episódio ou um momento da história, quanto gerada pelo impacto dos organizadores psíquicos inconscientes, tais como as fantasias originárias ou as grandes formações da vida psíquica inconsciente.

Aproveito para ressaltar, de passagem, que esse esclarecimento permite propor uma distinção simples, mas pertinente, entre a ação da psicanálise e aquela das terapias cognitivo-comportamentais. Estas últimas tendem a regular a associatividade de base da vida psíquica desenvolvendo os processos de inibição da associatividade, enquanto a psicanálise, inversamente, baseia-se na esperança de que a aquisição progressiva da liberdade associativa torne possível uma regulação pela conscientização e pela reflexividade psíquica.

Abordar por esse viés o problema que nos reúne é considerar que as formas da comunicação inconsciente confrontam o psicanalista com a questão da homogeneidade das associações ou a do heteromorfismo destas. A extensão da psicanálise aos pacientes *borderlines*, ou até mesmo aos psicóticos, suas explorações das formas da tendência antisocial ou da perversão, seus desenvolvimentos no trabalho psicanalítico com as diferentes formas de psicopatologia das crianças ou mesmo de grupos e agrupamentos humanos



deparam-se com a questão das formas da associatividade, que não podem ser limitadas apenas ao registro verbal. Isto é patente no trabalho com crianças, mas também não deixa de ser central nos outros quadros clínicos citados, nos quais o corpo, com seu cortejo de sensações e percepções, e o ato, com o uso da motricidade, vêm se *intrometer na conversa psicanalítica*, segundo a bela expressão freudiana de 1894.

O problema apresentado pelo heteromorfismo dos componentes psíquicos assim envolvidos poderia resumir-se na questão de saber até onde as manifestações diretamente provenientes do corpo podem ser consideradas *formas de linguagem*, ou, então, o que é necessário para que apareçam como formas de linguagem a serem utilizadas na escuta psicanalítica. Proponho justamente à reflexão, como hipótese de trabalho, que as manifestações corporais (ou mesmo somáticas) e os atos devem ser entendidos, em psicanálise, como formas de *narrações*, oriundas da linguagem *inacabada* do corpo ou do ato (Freud 1913), ou como formas potenciais de linguagem do corpo e do ato. Neste caso, potencial significa que elas só se tornarão formas plenas se forem entendidas e tratadas como tais. Essa hipótese repousa na hipótese complementar – que retomarei mais adiante – de que a pulsão é *mensageira*, expressando-se através de três linguagens oriundas de suas três formas de representância: o representante–representação de palavra na linguagem verbal, o representante–representação de coisa (e de ação) na linguagem do ato e da expressão corporal e o representante–afeto na *linguagem do afeto*, logo intuída por Darwin. São, então, a sintonia e o ajuste entre essas três formas de expressão e de linguagem que organizam o trabalho psicanalítico. Retomemos a argumentação.

O ato e o corpo refugo da psique

Uma das características fundamentais da técnica psicanalítica é considerar que aquilo que geralmente é dado como resíduo, refugo, da atividade psíquica ou humana, portanto desprovido de sentido, é, na verdade, portador de um sentido oculto à espera de ser revelado, descoberto ou até mesmo construído. A psicanálise requalifica, assim, o que a psicologia científica tendia a situar fora do seu campo, destacando que aquilo que parece não ter sentido, na verdade, possui um outro sentido, obedece a lógicas diferentes daquelas que são habitualmente consideradas como tais. Historicamente, isso valeu para o sonho, os lapsos e os atos falhos, valeu também para os sintomas psicopatológicos e as produções da loucura humana, tudo aquilo que Lacan denominou *as formações do inconsciente*.



Ainda hoje, as formas de expressão do corpo, principalmente aquelas que passam pelos sintomas psicossomáticos, são muitas vezes consideradas pela maioria dos somatistas, e até mesmo por alguns psicossomatistas, como desprovidas de sentido; elas são *bobas*, dizem alguns. Do mesmo modo, na orientação seguida pela noção psiquiátrica de passagem ao ato, alguns veem no recurso ao ato e ao agir, que podem ser observados em certas formas de psicopatologia, apenas uma tendência à *descarga*, somente evitação ou evacuação dos conteúdos psíquicos. Novamente aqui, uma atividade humana, embora às vezes complexa, é considerada insignificante, ou, melhor dizendo, nada significa além da recusa do sentido, de uma tentativa de evacuação deste.

Aquilo que vem do corpo tem má fama, representando muitas vezes o que se deve aceitar pelo fato de existir, mas que deve permanecer calado, silencioso, por ser desprovido de sentido. Aqueles que afirmam, ao contrário, que o corpo e o ato poderiam conter mais organização e sentido do que parecem são então considerados românticos do inefável, sonhadores que projetam um sentido sobre aquilo que, por natureza, não poderia ter sentido, e não são, portanto, científicos nem racionais.

Alguns psicanalistas foram por vezes complacentes com essas posições – oriundas, cabe observar, de certo pensamento médico –, em nome da consideração dos fatores econômicos, em nome de uma separação epistemológica dos campos, de uma definição do *psíquico* que exclui o corpo ou do *mental* sem o soma. Outros, ao contrário, numa tradição mais estritamente freudiana, têm a certeza de que nada no humano é radicalmente desprovido de sentido e tentam desvendar as lógicas e as linguagens subjacentes àquilo que, então, passa a ser considerado como formas de expressão não só da pulsão, mas também do sujeito que a anima.

Minha reflexão situa-se nesta orientação, seguindo, em relação ao ato, o trabalho de requalificação que comecei a esboçar anteriormente (1995, 2003) a respeito dos sintomas ditos *psicossomáticos* (1995) e dos afetos, com o objetivo de prolongar a posição freudiana que visa a mostrar uma forma de linguagem do ato portadora de uma mensagem endereçada. Insere-se numa concepção da vida pulsional que confere às pulsões não somente um valor de descarga que visa à satisfação, não apenas um valor de dominação (Denis, 1992), mas também um valor *messageiro* (Roussillon, 2004). Voltaremos a esse ponto mais adiante em nossa reflexão.

A posição freudiana sobre a qual desejo apoiar minha reflexão é largamente ignorada pela maioria dos teóricos atuais. Portanto, parece-me útil começar pela retomada das principais propostas de Freud.



A linguagem do ato na obra de Freud

Em 1913, no artigo intitulado *O interesse científico da psicanálise*, podemos ler: “Por linguagem, não devemos entender apenas a expressão dos pensamentos em palavras, mas também a linguagem dos gestos e toda forma de expressão da atividade psíquica...” (Freud, 1913, p.187)

A continuação do artigo indica que Freud pensa na *linguagem do sonho*, isto é, na linguagem das representações de coisa, mas também nas linguagens do corpo exploradas por ele. Veremos mais adiante que ele já abordou a questão das formas não verbais da linguagem na histeria e na neurose obsessiva, ou seja, no universo neurótico, mas eu gostaria de salientar desde já que não podemos resumir sua posição restringindo-a ao universo neurótico, pois, em diferentes passagens do mesmo artigo, Freud também faz referência à demência precoce. Para ele, a atribuição da qualidade de linguagem dotada de sentido estende-se aos atos, qualquer que seja a patologia ou o funcionamento psíquico dos sujeitos em questão; trata-se de um enunciado genérico, estrutural, e não regional, surgindo de uma feliz conjuntura.

Feitas essas observações, que desejeiressaltar de início, *retomemos* diferentes referências a essa hipótese no curso do pensamento freudiano.

Em 1907, no artigo *Atos obsessivos e práticas religiosas*, Freud fala do ritual de uma mulher que é obrigada a dar várias voltas em torno da bacia de água suja por suas ablucções antes de poder esvaziá-la na privada. A análise desse ritual obsessivo mostra que não somente “as ações compulsivas são carregadas de sentido e postas a serviço dos interesses da personalidade” (p.138), mas são também a figuração, direta ou simbólica, das experiências vividas, devendo, portanto, ser interpretadas ora em função de uma determinada conjuntura histórica, ora simbolicamente. Assim, no que diz respeito ao ritual da bacia, no transcurso da análise, ele toma o sentido de uma advertência dirigida à irmã da paciente, que deseja deixar o marido, para que ela não se separe da *água suja* do primeiro marido antes de ter encontrado a *água limpa* de outro substituto. Destaco aqui que, para Freud, o ritual não adquire sentido apenas na relação da paciente consigo mesma, sentido intrapsíquico, portanto, mas também se inscreve na relação com sua irmã, como *mensagem* enviada a esta. A ação compulsiva tem um sentido, *conta* uma história, a história, mas, além disso, trata-se de uma história endereçada, uma mensagem, uma *advertência*, diz Freud, à irmã da paciente.

O ato *mostra* um pensamento, uma fantasia, *conta* um momento da história, mas mostra ou conta a alguém significativo; trata-se de um ato endereçado, mesmo que não assuma plenamente seu conteúdo, mesmo que o pensamento se esconda



por detrás de sua forma de expressão. O ato *mostra*, ele não *diz*, conta, mas avança disfarçado.

Em 1909, Freud estende sua reflexão relativa aos ataques histéricos e à pantomima destes, numa linha que ele já começara a traçar em 1892 em *Sobre o mecanismo psíquico dos fenômenos histéricos*. Em *Algumas considerações para um estudo comparativo das paralisias motoras orgânicas e histéricas* (1895), ele enfatiza que, no ataque histerico, a fantasia é traduzida em *linguagem motora*, projetada na *motilidade*. O ataque histerico e sua pantomima encenada lhe parecem ser o resultado da condensação de várias fantasias (principalmente bissexuais) ou da ação de vários *personagens* de uma cena histórica traumática. Por exemplo, aquilo que se apresenta como a agitação incoerente de uma mulher, como pantomima insensata, adquire sentido se tivermos o cuidado de decompor o movimento em seu conjunto para desvendar uma cena de estupro. A primeira metade do corpo e da gesticulação da mulher *figura*, por exemplo, o ataque do estuprador que tenta lhe arrancar as roupas, enquanto a segunda metade de sua expressão corporal representa a mulher tentando proteger-se do ataque.

Mais uma vez, portanto, a pantomima aparentemente sem sentido, aparecendo, no plano manifesto, como uma agitação desordenada, é esclarecida, se formos capazes de analisar e decompor os diferentes elementos que organizam secretamente seu arranjo. Aquilo que parece, à primeira vista, *pura descarga* revela então a complexidade significante que ali reside e se disfarça. A histeria *fala* pelo corpo, mostra aquilo que o sujeito não pode dizer e que ela assim esconde. A respeito da conversão, Freud já assinalara que o corpo do histerico tentava dizer palavras que o sujeito não podia aceitar pronunciar e delas tomar plenamente consciência. Por exemplo, uma náusea expressará o fato linguageiro de ter *desgosto*¹ e o *desgosto* remeterá, por sua vez, à forma metafórica de um desgosto do coração, a uma desilusão amorosa. O ato, nos processos histéricos, pode ser interpretado como o foi o representante-afeto; ele é linguagem do ato, passagem da linguagem pelo ato, mais que passagem ao ato.

Além disso, é linguagem endereçada, endereçada a si mesmo, mas também endereçada ao outro, talvez na expectativa de que aquilo que ele diz sem sabê-lo, sem dizê-lo, seja ouvido e refletido pelo outro. Já em *Estudos sobre a histeria*, Freud (1895) observa, em todos os cenários contados e encenados, o lugar ocupado por aquele que ele denomina, nesta época, *o espectador indiferente*. A cena é dirigida a esse espectador, que também é um representante exteriorizado do Eu,

¹ N.T.: A expressão francesa “avoir mal au coeur” significa enjôo, náusea; sua tradução literal seria “ter mal no coração”.



um duplo; ela conta *para* esse espectador, sendo novamente aqui *mensagem endereçada* a um outro, *tomado como testemunha* daquilo que, historicamente, não foi possível comportar.

Novamente, em 1920, quando Freud analisa a tentativa de suicídio da moça que lhe é confiada e que se joga de uma ponte, ele não procede de forma diferente dos casos anteriores; analisa o sentido do ato, sua linguagem, e examina a quem este se dirige, neste caso ao pai, sob seu olhar sobre o ato cometido.

Os exemplos que acabamos de destacar em Freud pertencem ao universo neurótico, encenam representantes da economia anal ou fálica, fazem parte de um universo já marcado e enquadrado pelo aparelho de linguagem, um universo, portanto já estruturado pela metáfora. O corpo *diz*, encena aquilo que o sujeito não consegue dizer, mas que poderia potencialmente dizer; o corpo metaforiza a cena. A estrutura do ato e de sua encenação é neste caso narrativa. Freud deixa claro que as cenas contam um roteiro, uma história, a história de uma parte da vida que não pode ser assumida pelo sujeito, pertencendo, assim, ao universo da linguagem e a seus modos de simbolização. Mesmo que o corpo *fale* e *mostre* e mesmo que a narrativa tente contar ao próprio sujeito, ela é também, e talvez primeiramente, narração para um outro-sujeito.

Vale lembrar que Mc Dougall (1996), nos textos dedicados às *novas sexualidades*, às ditas *perversões* na maioria das vezes, chegou a semelhante conclusão no que diz respeito a esses quadros clínicos particulares. O *espectador indiferente* dos *Estudos sobre a histeria*, a quem é dirigido o sintoma neurótico, se tornará simplesmente *espectador anônimo* nos cenários perversos, variante do primeiro, mas neste caso pertencente ao universo narcísico.

Em 1938, tratando-se desta vez do universo psicótico dos pacientes delirantes e na esteira de *Construções em análise*, onde Freud propõe a generalização de seus enunciados de 1895 relativos ao modo como o sujeito, mesmo psicótico, *sufre de reminiscência*, ele estende aos estados psicóticos a observação de que as manifestações psicóticas se desenrolam também sob o olhar de um *espectador indiferente*, aparecendo também como *mensagem dirigida* a esse espectador. Mas já em 1913, na parte dedicada ao interesse da psicanálise para a psiquiatria, Freud afirmara sua crença no fato de que os atos, mesmo aqueles das estereotipias observadas na demência precoce, isto é, na esquizofrenia, não eram desprovidos de sentido, manifestando-se, sim, como *restos de atos mímicos providos de sentido, mas arcaicos*.

Ele prossegue então:



Os discursos mais insanos, as posições e atitudes mais estranhas, em todo o momento em que parece reinar o capricho mais bizarro, o trabalho psicanalítico mostra ordem e conexão ou, pelo menos, permite perceber como esse trabalho ainda está inacabado. (1913, p.190)

O estado inacabado de 1913 é completado por duas hipóteses propostas em 1938: em *Construções em análise*, Freud ressalta que o sintoma psicótico *conta* a história de um acontecimento *visto ou ouvido em uma época anterior à emergência da linguagem verbal*, portanto antes dos 18-24 meses, e acrescenta, em uma de suas notas redigidas em Londres, que o episódio foi conservado em seu estado – esta é então sua segunda hipótese – devido à *insuficiência da capacidade de síntese* da época.

De certa maneira, ele subentende que aquilo que foi vivido em uma época em que a linguagem verbal ainda não era capaz de dar forma à experiência subjetiva tenderá a retornar sob uma forma não verbal, tão arcaica quanto a experiência em si e, portanto, na linguagem da época, naquela dos bebês e das crianças pequenas, uma linguagem corporal, uma linguagem do ato.

Essa intuição fornece o ponto de partida da hipótese central que proponho examinar agora: através dos atos mais tardios, como, por exemplo, as manifestações da antissocialidade ou, de modo mais geral, os atos que acompanham os quadros clínicos das problemáticas narcísico-identitárias, experiências arcaicas de uma época anterior ao domínio da linguagem verbal tentam expressar-se e procuram comunicar-se, se fazerem reconhecer e compartilhar.

Corpo e atos mensageiros nas problemáticas narcísico-identitárias

Antes de poder desenvolver plenamente esta hipótese, é necessário debruçar-se sobre as particularidades das experiências primitivas, na medida em que suas especificidades se encontrarão, em parte, na linguagem do ato e do corpo que identificaremos nos modos de retorno mais tardios observados na clínica das patologias narcísicas.

A subjetividade do bebê não é unificada, pois ele atravessa estados subjetivos diferentes, e a *insuficiência da capacidade de síntese* evocada por Freud não permite que esses diferentes momentos vividos da subjetividade sejam logo unificados. A criança vive numa *nebulosa subjetiva* (David, 1997), seu Eu é constituído por núcleos *aglutinados* (J. Bleger, 1967), antes de serem reunidos em unidades que constituam um *eu – sujeito emergente*. A consequência disso é o



fato de que as experiências precoces podem não ter ligação umas com as outras, não devido a uma clivagem, mas por falta de integração de conjunto; elas podem ser *parciais*, sendo então registradas com essa característica. Concordo aqui com Winnicott (1956), que observa que o estado não integrado não é semelhante ao processo de desintegração de um estado já integrado. No segundo caso, a idéia de uma clivagem adquire sentido, mas, quando os estados subjetivos ainda não estão integrados, a noção de clivagem é desprovida de significação subjetiva.

As experiências subjetivas primitivas articulam-se estreitamente com os estados do corpo e com as sensações provenientes dele. Assim, a sensação corporal é central, sendo acompanhada por movimentos motores com os quais se mistura estreitamente, o que torna pertinente a ideia dos processos sensório-motores. Essas experiências podem então ser de natureza erótica e estar subordinadas ao princípio organizado pelo par de afetos prazer-desprazer. Porém sua erótica não é de tipo orgástico – aqui está a diferença entre a sexualidade infantil, seja ela precoce ou *primordial* (Botella e Botella, 1984), e a sexualidade adulta. Elas poderiam ser ditas *homossensuais*.

Tais experiências são vividas fora do tempo, ou, em todo caso, fora do tempo cronológico, o que significa que, qualquer que seja sua duração efetiva, elas tendem a não ter início nem fim, principalmente quando são carregadas de desprazer. Quando são carregadas de prazer, tendem a se inscrever em formas rítmicas elementares (Roussillon 1997; Stern, 1993; Marcelli, 1992) que as organizam em formas rudimentares de temporalidade.

Assim sendo, elas não são rememoráveis e não podem constituir lembranças, fugindo, portanto, das formas de memórias ditas *declarativas*. Em contrapartida, podem contribuir para a criação de esquemas memoriais, para as memórias ditas *procedurais*, que criam *modelos internos operantes* (Bowlby, 1951) e esquemas de tratamento e organização da experiência, tendendo assim a dar forma às experiências posteriores. Uma consequência importante é o fato de pertencerem, então, a *qualquer tempo*, com tendência a atravessar o tempo, podendo, portanto, ser reativadas e reatualizadas num modo alucinatório, a se conceberem e se apresentarem como *atuais*, sempre atuais.

Quando são reativadas, não se apresentam sob uma forma de re-(a)apresentação à subjetividade, mas como uma apresentação (*darstellung*); mesmo que tentem *contar-se* através dessa reativação, elas se concebem, portanto, como estando sempre presentes. É isso que torna difícil identificar como tais suas reativações, pois elas se mesclam com as percepções atuais, intrincam-se com estas. É também desta forma que contribuem para a experiência presente, cuja vivência elas vêm *hipertrofiar* com sua marca alucinatória, mas também é assim



que podem ser modificadas *après coup*. Expressam-se, portanto, eletivamente através das formas do afeto—*abalo traumático de todo o ser*, segundo Freud (1926), a da expressão somática e a do ato, e potencialmente nas diferentes idades da vida.

Elas procuram ser comunicadas (Mac Dougall, 1996), reconhecidas (Dornes, 2002) e compartilhadas (Parat, 1995) pelas pessoas significativas do primeiro entorno. Mas sua comunicação, sua partilha e seu reconhecimento são problemáticos, porque elas sempre são mais ou menos carregadas de ambiguidades, submetidas à interpretação. De um lado, porque se expressam em linguagens pouco digitalizadas, que permanecem marcadas pela analogia e por modelos de representação-coisa, a linguagem do afeto, a do registro mimo-gesto-postural, a do agir. De outro, porque uma parte de seu sentido permanece inacabada e depende estreitamente do modo como é interpretada pelo outro-sujeito a quem se dirige.

É, de fato, a resposta do entorno que, ao reconhecê-la como tal, lhe dá valor de mensagem, definindo-a como mensagem significante, como modo de narração, como significante endereçado. Em caso contrário, ela se *degrada*, perde seu valor protossimbólico potencial, é ameaçada de não passar de evacuação insignificante, tem seu valor expressivo e protonarrativo anulado.

Em minha hipótese clínica, considero que tais experiências são tentativas de comunicação que, por não serem reconhecidas como tais, por não serem qualificadas pelas respostas do entorno, se manifestarão nos quadros psicopatológicos da criança, do adolescente ou do adulto e, principalmente, na sintomatologia das problemáticas narcísico-identitárias sob forma de expressão corporal: o agir e o psicossomático. De um lado, o Eu é globalmente fragilizado pelos atentados narcísicos que a desqualificação ou a não-qualificação das comunicações corporais e afetivas implicam; de outro, as formas dessignificadas destas representam pontos enigmáticos para o Eu, que se sente habitado por movimentos sem sentido.

A plena inteligibilidade desses enunciados supõe a hipótese complementar de que as vivências assim conservadas são oriundas de experiências subjetivas de natureza traumática, tendo mobilizado, portanto, no momento e posteriormente, modalidades de defesas primárias que assim as subtraíram e, com elas, partes inteiras da subjetividade e da organização do Eu (cf. os *antigos funcionamentos do Eu* evocados por Freud em 1923 como estando *sedimentados no supereu severo e cruel* que se observa na reação terapêutica negativa), na evolução ulterior. O que proponho como complemento supõe que se faça a separação, dentre as experiências arcaicas, entre aquelas que puderam secundariamente ser retomadas e significadas em experiências mais tardias e as que foram mantidas à distância



dessas formas de retomada *après coup*, apresentando-se como *fueros*², segundo a metáfora proposta por Freud em 1896.

Em outras palavras, no devir integrativo *natural*, ou pelo menos suficientemente maturativo, as experiências que precedem o surgimento do aparelho de linguagem são retomadas, ao menos em parte, no universo da linguagem, e isso acontece de três maneiras possíveis.

Em primeiro lugar, por ligação dos traços mnêmicos e representação de coisa com as representações de palavra adquiridas mais tarde. A experiência subjetiva é nomeada *après coup*, as sensações e os afetos que a compõem são nomeados, analisados, refletidos, *detalhe por detalhe*, devido à sua ligação secundária nas formas linguísticas. O surgimento da linguagem verbal e a ligação verbal que esta torna possível transformam a relação que o sujeito mantém tanto com seus afetos quanto com suas mímicas, seu gestual, sua postura, seus atos, etc. A ligação verbal permite conter e transformar as redes afetivas e aquelas das representações de coisa, sendo, então, na cadeia associativa que deve ser identificado seu impacto. As expressões mimo-gesto-posturais podem, pois, acompanhar as narrações verbais, dando corpo ou expressividade em situações em que o sujeito teme que tais narrações sejam insuficientes ou quando as palavras não conseguem transmitir o *todo* da coisa vivida. As crianças e os adolescentes recorrem costumeiramente a essa expressividade corporal de acompanhamento, mas ela nunca desaparece completamente da expressão adulta. Nas formas ainda mais elaboradas, o jogo com a linguagem ou as palavras que a compõem retoma, sustenta e desenvolve os jogos anteriores com as coisas, o registro mimo-gesto-postural ou os afetos.

Em seguida, por transferência para os aspectos não verbais do aparelho de linguagem, isto é, a prosódia. A voz *diz* o colapso vivido, ela mesma entrando em colapso, seu ritmo de enunciação se desagrega, sua intensidade tenta restituir as variações de intensidade da vivência. Transferindo-se para o aparelho da linguagem verbal, a vivência afeta este aparelho em seus aspectos mais *econômicos* de funcionamento.

Por fim, depois da adolescência, por transferência para o próprio estilo da linguagem empregada, na pragmática que esta confere aos enunciados e que permite que, entre as palavras, em seu próprio arranjo, as coisas sejam transmitidas e

² N.R. – *Fuero*: Termo empregado por Freud, na carta 52 dirigida a Fliess, referindo-se às antigas leis espanholas que vigoravam em algumas cidades e que garantiam privilégios perpétuos dessa região, apesar de ultrapassadas, metáfora utilizada para designar marcas psíquicas que, embora não tenham sofrido tradução alguma, ainda se perpetuam no aparato psíquico na forma de uma escritura elementar.



comunicadas. Assim, mostrei em outra ocasião (Roussillon, 1994), por exemplo, como o estilo de Proust, principalmente seu uso da pontuação, transmitia ao leitor um arquejo *asmático*, sem que nada ou quase nada denunciasse essa vivência no próprio conteúdo do texto, sendo, portanto, de forma totalmente inconsciente. Cabe então ao leitor vivenciar o que o sujeito não diz que vivencia, mas transmite através do seu estilo verbal. A capacidade de transferir para o estilo da enunciação a riqueza das vivências, contudo, não é dada a todo mundo igualmente e, em todo caso, não antes da reorganização da subjetividade da adolescência. As crianças ainda não têm um verdadeiro estilo verbal.

Poder-se-ia, assim, apenas pela escuta das cadeias associativas verbais, retraçar a história do modo pelo qual certas experiências subjetivas precoces foram reproduzidas no aparelho da linguagem. Quando a retomada integrativa é suficiente, os três registros do aparelho de linguagem que acabo de mencionar se conjugam para se apropriar das experiências subjetivas precoces e lhes dar um determinado status representativo secundário para simbolizar secundariamente a experiência primitiva.

Essas diferentes formas de transferência da experiência subjetiva primitiva para o aparelho de linguagem não impedem que as mímicas, os gestos e as posturas corporais acompanhem a expressão verbal. É nos três registros de expressão da vida pulsional e da vida psíquica que o sujeito as expressa. Ele fala por intermédio dos representantes-palavras, transmite, por seus gestos, sua mímica, suas posturas e seus atos, as representações de coisa e represent-ação³ que o movem, expressa com todo o seu corpo a presença dos representantes-afetos que acompanham as outras formas de expressividade. O predomínio da linguagem verbal na expressão de si não deve deixar de considerar o quanto ela é acompanhada por uma expressividade corporal sem a qual sua função é muito mal cumprida. Uma expressão verbal desprovida de afeto e de expressividade corporal produz um efeito de mal-estar no interlocutor, torna difícil a empatia, deixa transparecer como o sujeito é clivado da criança que ele foi e do fundo da experiência afetiva humana. As formas das primeiras linguagens, a linguagem do afeto e a linguagem da expressão mimo-gesto-postural, testemunhas dos primórdios da vida psíquica, primeiras tentativas de trocas e de comunicação, mantêm-se durante toda a vida e permanecem necessárias à expressividade, e isso mesmo quando a linguagem verbal já garantiu seu predomínio sobre as outras formas de expressão.

A questão clínica central, tal como pudemos acompanhá-la no pensamento de Freud e sobre a qual desejamos nos debruçar agora, é a do devir das experiências

³ N.R. – Représentaction, no original.



subjetivas precoces que não puderam ser secundária e suficientemente apropriadas pelo aparelho da linguagem verbal. Digo *suficientemente* porque não se pode excluir, mesmo para aquelas que têm um caráter traumático e desorganizador, uma determinada forma de retomada pelo aparelho de linguagem, pelo menos no que se refere a uma parte dos *estados* narcísicos ou mesmo dos *estados* psicóticos. Porém o que me interessa especialmente aqui é aquilo que, tendo sido cedo subtraído ao processo de simbolização languageiro, por recalque, clivagem ou projeção, buscará e encontrará formas de expressividade não verbais.

Em todas as formas de sofrimentos narcísico-identitários que pude examinar, uma parte do quadro clínico apresentado extravasa a associatividade verbal e manifesta-se por uma patologia do afeto ou do agir que me parece testemunhar, para estender a hipótese proposta por Freud, a *reminiscência* de experiências subjetivas que antecedem a emergência da linguagem verbal.

A hipótese que proponho como complemento às hipóteses freudianas é a de que essas experiências subjetivas terão tendência a se manifestar em formas de linguagem não verbal que buscam no corpo, no soma, na motricidade e no ato sua forma de expressividade e de associatividade privilegiada. Da mesma maneira que a criança *pré-verbal* utiliza o afeto, o soma, o corpo, a motricidade, o registro mimo-gesto-postural, etc. para comunicar e dar a conhecer seus estados do ser, os sujeitos atormentados por formas de sofrimento narcísico-identitário ligadas a traumatismos precoces também utilizarão esses diferentes registros de expressividade e de associatividade para tentar comunicá-los e fazer com que sejam reconhecidos, e isto de maneira central em sua economia psíquica.

Outro modo de apresentar o essencial do que desejo trazer para a reflexão é dizer que a representância pulsional – foi nesse sentido que propus a idéia de que a pulsão era necessariamente também *mensageira* – se desenvolve e se transmite conforme três *linguagens* potencialmente articuladas entre elas, embora disjuntas: a linguagem verbal e as representações de palavra, a linguagem do afeto e os representantes-afetos e, por fim, a linguagem do corpo e do ato com suas diferentes capacidades expressivas (mímica, gestos, postura, ato...), que corresponde às representações de coisa⁴ (e às *represent-ações*, segundo a bela expressão de Vincent, 2004). Portanto, na consideração da associatividade psíquica, convém entender não somente as relações que se estabelecem entre os significantes verbais, mas também como a linguagem do afeto, aquela das representações de coisa e as represent-ações vêm se misturar às primeiras. É preciso entender o polimorfismo da associatividade psíquica.

⁴ Para um maior aprofundamento metapsicológico, ver Roussillon (1995), *La métapsychologie des processus et la transitionnalité*, ou Roussillon (2001), *Le plaisir et la répétition*.



As experiências subjetivas traumáticas, às quais se refere minha hipótese relativa aos sofrimentos narcísico-identitários, são submetidas às formas primitivas de pulsionalidade, analidade primária (Green, 1988) e também oralidade primária, isto é, não reorganizadas sob o primado da genitalidade, nem mesmo da *genitalidade infantil* (Freud, 1924). São experiências subjetivas que afetam o sujeito antes da organização do *não* (terceiro organizador de Spitz, 1965), antes das primeiras formas da *fase do espelho* (Wallon, 1983 Lacan 1966) e da emergência da reflexividade, antes da organização da representação constante do objeto e da organização da analidade secundária (Roussillon, 2003), ou seja, para dar uma ideia aproximada, antes da reorganização da subjetividade, que, na maior parte das vezes, acontece entre 18 e 24 meses.

Destaco esses diferentes *analisadores*, esses diferentes *marcadores* da subjetividade, porque a falha em sua organização determinará de maneira específica o tipo de comunicação que as formas de linguagem não verbal tratadas aqui carregam. Eles demonstram muitas vezes uma organização pulsional *primária* e pouco organizada, uma grande dificuldade na expressão da negação, um fracasso e uma busca de reflexividade, uma dependência em relação às formas de presença perceptiva do objeto. Parafraseando Freud, poder-se-ia dizer que *a sombra do objeto plana e recai sobre as linguagens não verbais [...]*, etc.

Por isso, as linguagens do ato e do corpo permanecem essencialmente ambíguas, carregam um sentido potencial e virtual, mas este é dependente do sentido que o objeto ao qual se dirige lhe confere. Mais do que qualquer outra, é uma linguagem *a interpretar*, apenas potencialidade de sentido, potencialidade mensageira, é sentido ainda não cumprido (inacabado, diz Freud), em busca de alguém que responda; seu sentido nunca é esgotado unicamente na expressão, tornando a reação ou a resposta do objeto necessária para sua integração significante. É também por isso que a clínica nos mostra geralmente uma forma *degenerada* dessa linguagem, ou seja, uma forma na qual o sentido potencial perdeu seu poder generativo porque o objeto que deveria responder não foi encontrado ou não forneceu a resposta subjetivamente adequada.

Um primeiro exemplo permitirá entender o que quero dizer. Conhece-se a estereotipia clássica de alguns autistas ou psicóticos fascinados por um movimento das próprias mãos que parecem girar e voltar incessantemente para eles mesmos. Os autores de orientação pós-kleiniana falam então de uma forma de autossensualidade. Sem dúvida. Quanto a mim, penso antes que tal gesto *conta* a história de um encontro que não aconteceu. A primeira parte do movimento parece, de fato, dirigir-se para o exterior, para o objeto. Imagino então um objeto ausente, indisponível, inalcançável ou indiferente, um objeto em quem o gesto de encontro



escorrega. Sem poder apropriar-se de um fragmento de resposta, ele volta então para si mesmo, trazendo aquilo que não aconteceu no encontro. Ele gira no vazio, vai na direção de um outro virtual e volta para si, esquecendo, em seu retorno, para onde se dirigia, mas este vazio, este esquecimento, é preenchido por aquilo que não aconteceu, este vazio *conta* potencialmente o que não se realizou no encontro. A sombra do objeto não encontrado recai sobre o gesto, sobre o ato *em oco*, em sombra. Pergunto-me se alguns dos significantes formais descritos por Anzieu (1974) não são formados assim, como uma primeira *narração* motora das experiências de encontro e desencontro com o objeto.

Mas a sombra do objeto também recai sobre o corpo e seu gestual. Formulei a hipótese (1995) de que permanecia possível, em parte, uma escuta das formas de manifestações sensoriais, sensório-motoras, presentes nas afecções psicossomáticas, consideradas como traços deixados por formas de comunicação de experiências primitivas desqualificadas. Uma rápida vinheta clínica ilustra essa questão.

Marine iniciou uma psicanálise⁵ em função de um conjunto de sofrimentos em sua vida sexual e afetiva, sobre os quais ela fala com muita dificuldade e que são acompanhados por importantes vivências depressivas e autodepreciativas. A primeira parte do tratamento concentrou-se na análise de uma transferência *paterna* – para dizê-lo brevemente e de maneira um tanto *convencional* – e do efeito das exigências *paternas* em sua economia psíquica e, principalmente, em sua sexualidade. A análise de um conjunto de fantasias masoquistas – para fazer amor com prazer, ela precisa imaginar-se presa num impasse, *forçada* e violentada analmente por um homem mais velho, enquanto seu parceiro efetivo a sodomiza – foi um dos eixos organizadores do trabalho desse período, ao mesmo tempo em que se integrava progressivamente o afeto de vergonha intensa que essa prática sexual mobilizava nela. A *teoria do prazer* de seu pai – em suas próprias palavras, para aproveitar as coisas da vida, é preciso *forçar-se*, o único *bom* prazer sendo aquele obtido quando nos obrigamos – foi então elaborada a partir de seu deslocamento para uma teoria *masoquista* da análise, fazendo desta uma perseguição intrusiva. Gradativamente, além dessa *primeira* camada transferencial, começou a se tornar mais perceptível e analisável um fundo transferencial materno, inicialmente dominado, sobretudo, por vivências de intrusão – no começo, *anais* e, depois, remetendo pouco a pouco às primeiras inter-relações *orais* – digamos assim, novamente para resumir.

Nesse momento, um sintoma somático – uma úlcera estomacal dolorosa

⁵ Em análise *standard*, na França, com três sessões semanais no divã.



com sensações de queimação intensa em meio a um cortejo de disfunções digestivas – começou a ocupar cada vez mais o tempo das sessões de análise. Esse sintoma somático já existia há muito tempo, variando de intensidade sem desaparecer e tornando-se quase permanente um ano antes do início da análise, no momento em que a paciente teve uma relação amorosa com seu parceiro atual, um homem muito mais velho do que ela. O sintoma regrediu rapidamente na primeira parte da análise, mas ressurgiu no momento da sequência que desejo apresentar.

O fragmento de sessão que vou relatar aparece, portanto, depois de um pouco mais de três anos de análise e dentro do seguinte duplo contexto clínico: uma transferência materna *primária* de tipo intrusivo e um agravamento da úlcera estomacal.

No início da sessão, Marine permanece em silêncio durante um momento, crispada, tensa, como acontece muitas vezes a essa altura do tratamento. Em seguida, começa a falar de uma sensação de queimação que acaba de atacá-la ao chegar para sua sessão. Ela “está com dor, isso está queimando” – pondo as mãos no esterno, como se fosse o lugar inominável de sua dor. Antes de intervir, espero o seguimento das associações. No entanto, a dor é persistente, intensa, por acesso, tomando totalmente conta de Marine e ocupando visivelmente todo o campo do psiquismo disponível. Sinto uma tensão física e psíquica, fazendo eco à sua. Parece-me então necessário intervir para tentar significar essa sensação de dor. Acabo por arriscar: “Quando você era bebê, as mamadeiras que sua mãe lhe dava eram muito quentes e queimavam você”. Marine se cala por um instante, depois diz: “Não sei, mas quando você disse isso pensei no café que minha mãe sempre serve queimando e sempre insiste para que seja bebido dessa forma; ela mesma sempre o bebe muito quente”. A dor desapareceu no instante em que Marine falava do café queimando servido pela mãe.

O fim da sessão e as sessões das semanas seguintes perlaboraram o aspecto *queimando* da mãe, primeiramente por uma sequência de lembranças dominadas por aspectos *perceptivos* desta e, depois, de maneira cada vez mais metafórica, para evocar os aspectos excitantes e excitados da atitude materna para com ela que o pai não sabia bem *esfriar* e que, ao contrário, tendia a aumentar. Simultaneamente, os transtornos digestivos foram diminuindo até desaparecerem, e a úlcera estomacal se tornou apenas “uma má lembrança”, conforme sua expressão.

Essa solução interessante não poderia ilustrar, por si só, a pertinência de uma interpretação ou de uma construção. Eu a relato somente para destacar como um novo movimento psíquico foi assim mobilizado, como se aquilo que estava suspenso, esperando sua conclusão na sensação de dor, pudesse ter recebido uma



solução representativa e vir *enriquecer* a representação de objeto da mãe e de sua falha a partir do momento em que tal representação fora ouvida como mensagem e forma de *narração* de um fragmento de sua história precoce.

O estado de consciência de Marine durante a sessão é invadido por uma dor que se apresenta como *atual* e cuja intensidade não lhe permite interpretar ela mesma sua sensação relacionada com a transferência materna, tampouco propor a menor associação. Marine precisa que eu faça essa relação e essas associações para ela, que eu ouça o modo de comunicação primitiva que sua dor potencialmente comporta. O fato de ela mostrar sem nomear o lugar de emergência dessa dor me faz pensar e falar em uma “experiência anterior à organização da linguagem verbal”, por isso minha referência à mamadeira – o seio em si não podendo estar *queimando*. Uso esse indício como uma espécie de *marcador* histórico, indício do momento da história mobilizado na transferência.

No caso de Marine, é no momento em que a perlaboração das defesas produz uma degradação da clivagem anterior que o *corpo* se põe a falar e se intromete na conversa. Porém a clivagem deixa muitas vezes sem expressão certos modos de comunicação diretamente oriundos das experiências primitivas. Assim, por exemplo, uma outra paciente *fareja* sistematicamente a cada vez que lhe aperto a mão e que passa ao meu lado; ela *me fareja*, me cheira, sem nenhuma consciência do que faz e expressa assim seu mundo primitivo. Outra paciente, atendida frente a frente, leva sistematicamente a mão à boca, com a palma voltada para mim, assim que faço menção de falar. Se o que eu lhe digo lhe convém, ela tira a mão e entreabre a boca. A expressão de seu rosto se torna então a de uma menina. Outra ainda fecha fortemente a boca quando não quer deixar entrar o que eu estou dizendo. Mais uma vez aqui estou sendo breve.

Eu me deterei mais na questão de formas mais sofisticadas de presença das experiências primitivas na linguagem do corpo e do sexual. Penso particularmente na questão do fetichismo sexual. Quando Freud se debruça sobre essa questão, ele relaciona a origem do fetichismo com o caráter traumático, para certos sujeitos, da diferença dos sexos e, principalmente, da visão do órgão sexual feminino interpretado como sinal de castração. O fetiche será então escolhido em função de sua proximidade com o lugar da descoberta, frequentemente a última coisa vista antes dela: cinta-liga, bota ou sapato... Sua interpretação remete, portanto, à dimensão infantil do sintoma. No entanto, esta quase não explica por que a descoberta é traumática para alguns sujeitos e, para outros, é menos ou nada traumática.

Em 1927, em seu artigo dedicado ao fetichismo, Freud aborda o caso do fetiche do Homem dos Lobos, um fetiche singular porque tem a ver com a



necessidade da presença de um *brilho no nariz*, no rosto da mulher amada para que ela seja desejada. O texto varia, do inglês ao alemão, entre um brilho no nariz ou um olhar que faz *brilhar* o nariz, para dizê-lo resumidamente. Esse fetiche é singular, pois está no rosto, parte do corpo não especialmente próxima do órgão sexual feminino. Em outras palavras, a hipótese de Freud segundo a qual o fetiche é escolhido por sua proximidade perceptiva do órgão sexual feminino dificilmente se aplica. É claro que sempre se pode considerar, como Freud, a hipótese de um deslocamento de baixo para cima, mas também pode-se perguntar por que realizar tal deslocamento e se isso não quer dizer outra coisa. Mais ou menos à mesma época, Freud (1924) também trabalha sobre o pavor diante da cabeça de Medusa. Neste caso, novamente, ele interpreta a presença das serpentes no lugar dos cabelos, que adornam a cabeça da Medusa de Caravaggio, e a toma como figura ilustrativa em sua análise, introduzindo essa representação pictórica em seu texto, relacionada com uma representação anulada da *castração* feminina. Entretanto, a figuração proposta por Caravaggio caracteriza-se pelo fato de que o próprio rosto de Medusa está tomado pelo pavor. Medusa deve *petrificar*⁶ o outro de pavor, mas seu próprio rosto expressa pavor, de forma especular por assim dizer.

Nos dois casos apresentados, Freud interpreta o conteúdo em função da angústia de castração, e não há razão para não segui-lo por este caminho. Porém essa interpretação não poderia esgotar a questão nem o material significante que Freud nos propõe. De fato, ela não leva em conta que, em ambos os casos, é para o rosto que a questão da castração parece se deslocar e por que, então, escolher o rosto, se é a última percepção anterior à descoberta do *horror da castração* que deve servir para fixar o fetiche, como afirma Freud em diferentes momentos. A hipótese complementar que proponho tenta dar sentido tanto ao fato de que se trata do rosto quanto ao fato de que este parece funcionar como espelho, o espelho do olhar brilhante que faz brilhar o nariz, o espelho do pavor que Medusa deve provocar.

Winnicott (1958) ressalta que a função primitiva do rosto da mãe – portanto, em sua concepção, a relação com o feminino primário – é refletir os próprios estados de ser da criança, funcionando, assim, como uma primeira forma de espelho da alma. É tão difícil dar o passo para chegar a pensar que, à experiência da descoberta do feminino secundário, representada pelo órgão sexual feminino, vem misturar-se o traço de uma experiência do feminino primário, portanto, daquilo que o rosto da mãe reflete, que, para a descoberta da diferença dos sexos, vem

⁶ N.T.: No original, *méduser*, muito usado em francês como sinônimo de *pétrifier*, *stupéfier*. Cf. o dicionário *Le Petit Robert*.



transferir-se também uma experiência primitiva ligada à expressão do rosto da mãe e à ameaça, por exemplo, de uma extinção do *brilho de seus olhos*, como significante primeiro do desejo e do prazer dela de contemplar seu filho. Intrometem-se na *conversa* secundária da criança com a figura do sexo feminino as primeiras formas de seu encontro com o feminino.

Não posso multiplicar os exemplos nos limites desta reflexão, mas, no prolongamento do que acabo de abordar e, para concluir, eu gostaria de destacar que a ideia de uma linguagem do ato vale para bem além do registro psicopatológico.

Em primeiro lugar, eu destacaria o ato sexual, que me parece ser perfeitamente interpretável conforme a linha que proponho. O encontro dos corpos, a maneira como se encontram, como um penetra o outro, o ritmo do *vaivém*, a suavidade, a brutalidade, a postura, a intensidade aplicada em seu próprio engajamento, etc. *contam* ao outro a pulsão de si, mas também como, no corpo a corpo primitivo *pré-verbal* com os primeiros objetos, os corpos se encontraram, penetraram, e como isso pôde ser retomado, integrado, mediado e simbolizado no sexual adulto. Os corpos *dizem* o sexual, o ato sexual *conta* a experiência própria e a história da experiência do encontro com o objeto.

A linguagem dos corpos no mundo animal será, por fim, meu último exemplo. A *domesticação* dos golfinhos obedece a um ritual interessante, que poderia também ser encontrado em certas formas de ato sexual ou de encontro corporal no homem. O domador deve começar por apresentar uma parte de seu próprio corpo, como, por exemplo, seu braço – para não dizer seu membro – à boca do golfinho, cheia de dentes afiados. Este poderia abocanhar o que lhe é oferecido, mas se contenta em pressionar levemente o membro oferecido, o braço; faz *sentir* que poderia cortá-lo ou machucá-lo, mas pára, sem ferir o *domador* confiante. Em seguida, este pode retirar o braço, e então o golfinho se vira e oferece sua barriga, a parte mais vulnerável de sua anatomia. O domador, por sua vez, põe a mão na barriga e faz uma pressão que significa tanto que ele pode exercer seu poder sobre essa parte vulnerável quanto o fato de que ele não o faz. Eis um *diálogo* corporal que me parece ser o protótipo corporal das operações que constituem o fundamento daquilo que se denominou a *transferência de base*, que pode ser observada quando um tratamento psicanalítico corre bem. Evidentemente, tal diálogo é polissêmico e pode ser interpretado de muitas maneiras, tanto do ponto de vista das formas do sexual envolvido, quanto do ponto de vista das problemáticas narcísicas da vulnerabilidade e da segurança, etc. Mas não seria esta também a característica fundamental da linguagem do ato e, de modo mais geral, do corpo? □



Abstract

Associativeness and non-verbal languages

The author raises the question of associative listening in psychoanalysis, proposing the idea that it is polymorphous and mixes listening to the verbal language with other forms of non-verbal language, such as the language of affects or that of acts. In order to explain the thesis, the author explores the Freudian position concerning non-verbal languages to show that Freud always assigned a *narrative value* to these languages. Next, he suggests the hypothesis that the experiences obtained before verbal language emerged, which had a traumatic character are recorded in a non-verbal form, and reappear in this form during analytic treatment, and one of the characteristics of these languages is the fact that their meaning depends closely on the interpretation given to them by the human surroundings.

Keywords: Free association. Verbal and non-verbal language. Early trauma. Act. Affect. Role of human surroundings. Reconstruction in analysis.

Resumen

La asociatividad y los lenguajes no verbales

El autor enfoca el tema del escuchar asociativo en psicoanálisis, proponiendo la idea de que éste es polimorfo y mezcla el escuchar del lenguaje verbal con otras formas de lenguaje no verbal, como el lenguaje de los afectos o el de los actos. Para explicar su tesis, el autor explora la posición freudiana acerca de los lenguajes no verbales, con la finalidad de mostrar que Freud siempre atribuyó valor narrativo a estos lenguajes. Luego, propone la hipótesis de que las experiencias que fueron vividas antes del surgimiento del lenguaje verbal y tuvieron un carácter traumático, se registran bajo forma no verbal y resurgen bajo esta forma durante el tratamiento analítico, y una de las características de esos lenguajes es el hecho de que su sentido depende íntimamente de la interpretación que les da el entorno humano. Palabras llave: **Asociación libre. Lenguaje verbal y no verbal. Traumatismo precoz. Acto. Afecto. Papel del entorno humano. Reconstrucción en análisis.**



Résumé

L'associativité et les langages non verbaux

L'auteur pose la question de l'écoute associative en psychanalyse et propose l'idée qu'elle est « polymorphe » et qu'elle mêle l'écoute du langage verbal à d'autres formes de langage non verbaux comme le langage des affects ou celui des actes. Pour expliciter sa thèse l'auteur explore la position de Freud concernant les langages non verbaux pour montrer que celui-ci a toujours accordé la valeur de langage « narratif » à ceux-ci. Puis il propose l'hypothèse que les expériences vécues avant l'apparition du langage verbal et ayant eu un caractère traumatisant, sont enregistrées sous forme non verbale et réapparaissent sous cette forme pendant la cure, et qu'une des caractéristiques de ces langages est que leur sens dépend étroitement de l'interprétation que l'environnement humain leur donne.

Mots-clés: association libre, langage verbal et non verbal, traumatisme précoce, acte, affect, rôle de l'environnement humain, reconstruction en analyse.

Referências

- ANZIEU, D. (1974). Le Moi-peau. *Nouvelle Revue de Psychanalyse*, n° 8, 195-209. Paris: Gallimard.
- _____. (1987). *Les signifiants formels et le moi-peau, Les enveloppes psychiques*. Paris: Dunod, p. 1-22.
- BLEGER, J. (1967). *Symbiose et ambiguïté*, trad franç. Paris: PUF, 1981.
- BOTELLA, C. et BOTELLA, S. (1984) L'homosexualité inconsciente et la dynamique du double en séance in *Revue Française de psychanalyse 2-1984*, PUF.
- BOWLBY, J. (1951). Soins maternels et santé mentale, Monographie. Genève: O.M.S.
- _____. (1969), *Attachement et Perte*, vol. 1. *L'Attachement*, trad. fr. Paris: PUF, 1978.
- DAVID, M. (1997). Activité spontanée et fonctionnement mental préverbal du nourrisson. In: *Que sont les bébés devenus*. Cahors : Érés.
- DENIS, P. (1992). Emprise et théorie des pulsions. *Revue Française de Psychanalyse*, 1992, 1297-1423; PUF.
- DORNES, M. (2002). *Psychanalyse et psychologie du premier âge*, trad Française C Vincent, PUF, 2002.
- FREUD, S. (1895). *Etudes sur l'hystérie*. Paris: PUF, 1978.
- _____. (1896) Lettres à Fliess in *Naissance de la psychanalyse*, Paris: PUF, 1973.
- _____. (1905a). *Le mot d'esprit et sa relation à l'inconscient*. Paris: Gallimard.
- _____. (1907). Actions compulsives et exercices religieux, in, *Névrose, psychose et perversion*. Paris. PUF. 1973. p.133-142.
- _____. (1908-1909). Les fantasmes histériques et leur relation à la bisexualité. In: *Oeuvres complètes*, tome IX. Paris: PUF.



- _____. (1909-1910). *Oeuvres complètes*, tome X. Paris: PUF.
- _____. (1913) «L'intérêt de la psychanalyse», in *Résultats, idées, problèmes I, 1890-1920*. Paris, PUF, p. 187-214, 1995.
- _____. (1914-1915). *Oeuvres complètes*, tome XIII. Paris: PUF.
- _____. (1920), De la psychogenèse d'un cas d'homosexualité féminine, *Névrose, psychose et perversion*, trad. fr. D. Guérineau, Paris, PUF, 1973 ; *OCFP*, XV, 1996 ; *GW*, XII.
- _____. (1921-1923). *Oeuvres complètes*, tome XVI. Paris: PUF.
- _____. (1921). Psychologie des masses et analyse du moi. In : *Essais de psychanalyse*. Paris: Payot.
- _____. (1923-1925). *Oeuvres complètes*, tome XVII. Paris: PUF.
- _____. (1923). Le moi et le ça. In *Essais de psychanalyse*. Paris: Payot.
- _____. (1924) L'Organisation génitale infantile. In : In *Névrose, psychose et perversion*. Paris: PUF.
- _____. (1926-1930). *Oeuvres complètes*, tome XVIII. Paris: PUF.
- _____. (1927), Le fétichisme, *La vie sexuelle*, trad. fr. D. Berger, Paris, PUF, 1969; *OCFP*, XVIII, 1994; *GW*, XIV.
- _____. (1937). Constructions dans l'analyse in *Résultats, idées, problèmes*. Paris: PUF.
- _____. (1938). Le clivage du moi dans le processus de défense. In: *Résultats, idées, problèmes*. Paris: PUF.
- _____. (1938). *Abrégé de psychanalyse*. Paris: PUF, 1978.
- _____. (1940d [1892]), Pour une théorie de l'attaque hystérique. In: *Résultats, Idées, Problèmes*, I, trad. fr. J. Breuer, Paris, PUF, 1984; *GW*, XVII.
- GREEN, A. (1973b). *Le discours vivant*. Paris: PUF.
- _____. (1974). L'analyste, la symbolisation et l'absence. *Nouvelle Revue de Psychanalyse*, 10, 225-252. Paris: Gallimard.
- _____. (1988). La pulsion et l'objet, préface à Brusset. *Psychanalyse du lien*. Paris: Le Centurion, p. I-XX.
- _____. (1999). Sur la discrimination et l'indiscrimination affect-représentation. *Revue Française de Psychanalyse*, LXIII, N°1, 217-272, Paris: PUF.
- _____. (2000). La position phobique centrale. *Revue Française de Psychanalyse* 64, (3), 743-771.
- _____. (2002). *La Pensée clinique*. Paris: Odile Jacob.
- LACAN, J. (1966). *Ecrits*. Paris: Seuil.
- MAC DOUGALL, J. (1996). *Éros aux mille et un visages*. Paris: Gallimard.
- MARCELLI, D. (1992). Le rôle des microrythmes et des macrorythmes dans l'émergence de la pensée chez le nourrisson. *La Psychiatrie de l'enfant*, vol. XXXV, fasc. 1, p. 57-82.
- PARAT, C. (1995). *L'affect partagé*. Paris: PUF.
- ROUSSILLON, R. (1983). Le médium malléable, la représentation et l'emprise. *Revue Belge de psychanalyse*.
- _____. (1991). *Paradoxes et situations limites de la psychanalyse*. Paris: PUF.
- _____. (1994). La Rhétorique de l'influence. *Cliniques Méditerranéennes* n° 43-44, ÉRÉS.
- _____. (1995). Perception, hallucination et solutions «bio-logiques» du traumatisme. *Rev franç psychosomatique*, n°8. Paris: PUF.
- _____. (1995a), La métapsychologie des processus et la transitionnalité *Rev franç psychanal* n°5, 1375-1519. Paris: PUF.
- _____. (1997). La fonction symbolisante de l'objet. *Rev Franç Psychanal*, N°2, 399-415, Paris: PUF.
- _____. (1999). *Agonie, clivage et symbolisation*. Paris: PUF.
- _____. (2001), *Le plaisir et la répétition*. Paris: Dunod, 2^eédition, 2003.



- _____. (2003). La séparation et la chorégraphie de la présence. In: *La séparation* ÉRÉS.
- _____. (2004) L'intersubjectivité et la fonction messagère de la pulsion, *Psychiatrie française*, XXXVI, 2/04, 45-54.
- SPITZ, R. A. (1965). *De la Naissance à la Parole, la Première Année de la vie*, trad. fr. Paris.
- STERN, D. N. (1985). *Le Monde interpersonnel du nourrisson*, trad. fr. Paris: PUF, 1989.
- _____. (1993). L'enveloppe prénarrative. Vers une unité fondamentale d'expérience permettant d'explorer la réalité psychique du bébé, trad. fr. *Journal de la psychanalyse de l'enfant*, n° 14, p. 13-65.
- _____. (1994). *Le journal d'un bébé*. Press-Pocket.
- VINCENT, J-D. (1986). *Biologie des passions*. O Jacob.
- _____. (2004). *La compassion le cœur des autres* . O Jacob
- WALLON, H. (1983) *Les origines du caractère chez l'enfant. Les préludes du sentiment de personnalité*, Paris, PUF, coll. Quadrigé Le psychologue.
- WINNICOTT, D.W. (1956b). La tendance antisociale. trad. fr. In: *De la pédiatrie à la psychanalyse*. Paris: Payot, 1976, p. 175-184.
- _____. (1958). *De la pédiatrie à la psychanalyse*, trad. fr. Paris: Payot, 1976.
- _____. (1965). *Processus de maturation chez l'enfant*, Paris: Payot, 1983.
- _____. (1967). Le rôle de miroir de la mère et de la famille dans le développement de l'enfant , trad. fr. *Nouvelle Revue de psychanalyse*, n° 10, 1974, p. 79-86.
- _____. (1969). *De la pédiatrie à la Psychanalyse*. Paris: Payot.
- _____. (1970). *Le processus de maturation chez l'enfant*. Paris: Payot.
- _____. (1971). *La consultation thérapeutique et l'enfant*, trad fran, 1971. Paris:Gallimard.
- _____. (1971). *Jeu et réalité*. Paris: Gallimard.
- _____. (1989). *La crainte de l'effondrement et autres situations cliniques*, Paris: Gallimard, 2000

Recebido em 20/07/2009

Aceito em 09/08/2009

Tradução de **Vanise Dresch**
Revisão técnica de **Gisha Brodacz**

René Roussillon
12 quai de Serbie
69006 – Lyon – France
e-mail: rené.roussillon@wanadoo.fr

© René Roussillon
Versão em português Revista de Psicanálise – SPPA